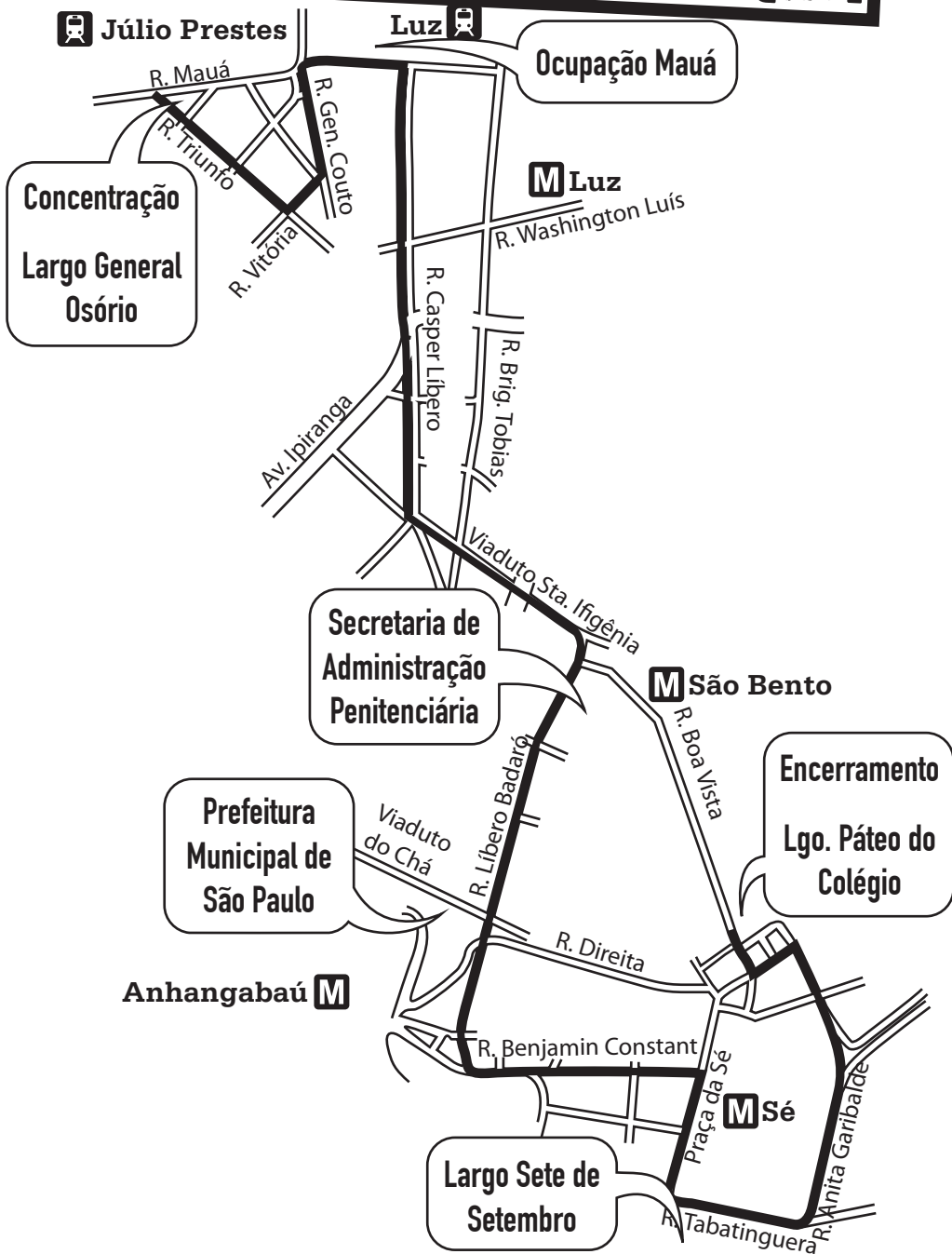


As ruas são para lutar!



CARNAVAL DA MENTIRA 2015

CONDENADXS DA TERRA!

FREVO DA "FALHA"

(Cuca e Everaldo)

É bala em vez de chibatada
Mandado em lugar de feitor
Emoldurando a senzala
A casa grande se enfeitou

Além de fazenda a fachada
À banca o poder se aliou
Modernizando a curriola
Integrando ao luxo o traidor
Pensando que quem está de fora
Desconhece a luta e o destemor

Notícia ocultando a corja
No rádio e televisor
Realidade imaginária
Eternizando em show o horror

Versão negando o pau-de-arara
Desdém por quem de nós tombou
Mas hoje ocupando a praça
Sem juiz, censor ou editor
Valendo mais que mera errata
A gente desmascara convertido e enganador

Pára de mentir, canalha
Para admitir a "Falha"
Pára de omitir que a dita foi dura demais

Pára de fingir que é justa
Pára de fugir do Ulstra
Para difundir a farsa impressa nos jornais

CAMARADA LAMPIÃO

(Renato Martins e Roberto Didido)

Quando o bambu quebrou no meio
Camarada Lampião
Quando o bicho pegou feio
Era só disposição
Vou citar nesse ponteio, morô?
Helenira e Osvaldão
Heróis do meu Brasil
Aquele geração
Não combateu em vão
Bandeira sacudiu
E a nossa geração
Não esqueceu a luta não

Você aí
Vendo o circo passar na janela
A versão corrompida na tela
Não convence o coração
Diz aí
Não ouviu falar em Marighella?...
Nunca entrou numa favela?...
Prefere não dar opinião
É melhor começar a pensar numa nova saída
Naquele moleque sem lar
Nos trabalhadores sem terra
Minha gente sofrida

Entrar de cabeça na briga
É a pedida pra ganhar
De que lado está você?
De que lado?, eu quero ver!
Meu Bloco vai cobrar

RESCALDO

(Everaldo Efe Silva)

No rescaldo da imaginação
Cede a noite ao clarão, sua rotina por fim
Vem em cada passo, degrau em degrau
Na viela, é fatal, mais alguém sucumbiu
Vai e em silêncio guarda a dor com pesar
Um de seus que desandou sem pensar
Quando a quebrada não finda na esquina
Desejo se cruza com sina
Mas morte sem vida não há de vingar

No reverso do lar, prestação
Posa de educação o desprezo mais vil
Vem embalando mais que obrigação
Toda humilhação, exigência servil
Sai e em engolindo a seco, foi
Veja lá, no relógio seis e então vai voltar
Na revolta adiada a saída
As mãos calejadas da lida
Mas morte sem vida inda há de penar

Chega e desbanca o medo e o fel
Diz por repente qual é o cordel
Desvão da alma num fio
De tempo qual desvario

Vai cantar com os seus
Olhar para os seus
Vibrar pelos seus
Batucar

BATALHA FINAL D'UM BRAVO BRIGANTE
(Serginho Poeta, Everaldo F. Silva e Selito SD)

Nos metros a frente a fria coluna
Por entre os escudos eu vejo uma fresta
E sigo em frente, pois pouco me resta
Sou só uma peça na grande comuna
Reúna seus homens, reúna, reúna. . .
Novos dias me acenam do lado de lá
Pouco me resta, já não tenho sono
Já não tenho medo, já não tenho dono
Só tenho a vontade de continuar
Com sangue no rosto e brilho no olhar.
Comuna e coluna postadas bem perto
Lá da barricada já fiz o que pude
Com tripa de mico e bolinha de gude
Por entre os escudos achei descoberto
Grosso supercílio que deixei aberto
Montado em exemplo de gente da gente
Não mais me abala a mais cruel cena
Nem mais uma bala fará com qu'eu tema
Seja de borracha, seja chumbo quente. . .
Por entre os escudos eu miro um temente
Vou partir pra riba, no saci virado
Vou partir na fé de meu santo e meu povo
Se eu cair. . . Levanto e me atraco de novo
Vou pela quebrada, vou "quilombolado
Por entre os escudos. . . Zumbi do meu lado.
Se eu cair. . . Levanto e me atraco de novo

QUEM TORTUROU O ZÉ?
(Zé e Catarina)

O que restou da ditadura no Brasil?
É quase tudo, até o fuzil!
O empresário e a mídia encobriu
Uma mentira lá em abril!
E se a verdade agora deve ser contada
Melhor é ir pra rua e lembrar dos camarada
No meio do cordão a mentira é escancarada
Que a democracia é marmelada!

Quem torturou o zé?
Foi os gambé, foi os gambé!
Quem perseguiu o Zico?
Foi os milico, foi os milico!

SANGRIA DESATADA
(Selito SD)

Passa a noite e vem o dia
Passa o dia e vem a noite
Segue a saga de agonia
Segue a sina do açoite

Passa o dia e a noite passa
Passa noite e o dia corre
Segue o martírio; a desgraça
Sangue do negro inda escorre

Sangue da gente do samba
Boi, candomblé e congado
Não há conversão que estanque

Sangue da gente que é bamba
Coco, embolada e xaxado
Maracatu, jongo ou funk

QUEM MATOU INÊS?
(Selito SD)

Aagitado dia na periferia
Da dona injustiça pretensa morada
Do disse-me-disse à pancadaria
Não foram mais que três palavras trocadas
Generalizada foi a correria
Foi intensa a troca de tapa e pernada
Juro se pudesse erradicaria
Toda violência de toda quebrada

Só após seis horas chegou a polícia
Esmurrando e dando chutes na porta
Que coisa absurda mas não fictícia
Deu tremenda surra no zé perna-torta
Que, por já ser finda a batalha, à milícia
Gritou: "com o pobre ninguém se importa
Outra vez não chegaram em hora propícia
E agora já é tarde, pois inês é morta"

Se inês é morta diga quem matou inês
Se inês é morta diga quem matou inês
Quebraram o zé perna-torta
E o jogaram no xadrez
Se inês é morta diga quem matou inês
Se inês é morta diga quem matou inês

MÃE DE MAIO
(Selito, Everaldo e Thiago)

Eu já perdi a esperança, juventude
Eu já perdi minha luz, minha alegria
Resta o altar com o sorriso do meu guia
Meu menino tão suspeito pra vocês

Ele é meu anjo e eu rezo todo dia
Não é pra deus, nem pra santo, ave maria
É só pra ele trazer mais esperança
Dos pequenos nascerem na bonança

Eu já falei que não quero mais vingança
A guerra que eu quero é das almas dos meninos
O fogo que arda e incendeie o rico imundo
E ilumine com sua chama um novo mundo

Que em algazarra os guris assassinados
Possam voltar e cantar os chacinados
Que nosso sangue escreva nova história
E ocupe o esquecimento com memória

MEU CANTO
(Thiago B Mendonça e Selito SD)

Faço samba sobre a dor
De um povo bravo e forte
Teço prosa sobre a vida
Luto imagens contra a morte

O meu canto, minha arma
Faço samba sobre a guerra
Do pequeno contra o grande
Deste povo de Sem Terra

Faço banzo deste canto
Dos batuques e senzalas
E da vida interrompida
Morta a tiros numa vala

Faço samba pro meu povo
Sua luta e sua história
Zambi queira que um dia
Seja só uma memória

VOZ GERAL
(Renato Martins e Everaldo F. Silva)

Um dia eu hei de ver o fim dessa agonia
A minha gente cheia de alegria
Fazendo em paz seu carnaval
Depois, passado o tempo da melancolia
Encher as ruas da cidade
Com cantos de amor e liberdade
E aí quando esse dia chegar
Meu povo enfim, despertar
Num levante triunfal
É que eu quero ver
onde é que é vai se esconder
Quem nos causou tanto mal
O medo vai trocar de lado
Quando sentir consternado a força da voz geral
Em lugar de abatimento
Sonho no semblante
Sem rancor nem desespero
O nosso olhar adiante
Quem da ilusão ao desalento
Resistindo forja o tempo, inflama
Traz do suor o argumento
Da geral a voz, a vida, a chama

CARNAVAL QUE NÃO SAIU
(Renato Martins e Roberto Didio)

Eu sou a lança Tupi
O tambor africano
O cantar dos terreiros
Orgulho nordestino

Tenho sangue cigano
Eu sou velho e menino
Sou quem não tem paradeiro
Eu sou a mão estendida
Sou a dor e a ferida
No coração do Brasil
Eu sou a corrente partida
Festa colorida
De um carnaval que não saiu

DOCE ROTINA
(Fábio Goulart)

Um corpo que cai.
A vida escoo
Com sangue que sai,
Inda o grito ecoo

A mãe que lamenta
O filho que parte.
Na cena sangrenta
Não existe arte

Não há compaixão
Em ninguém que passa:
— deve ser ladrão,
Se vê pela raça.

É só mais um dia
Sem dignidade
Na doce rotina
Da grande cidade.

EM DIAS DE GUERRA
(Fábio Goulart e Maurinho de Jesus)

E após fartos gritos a boca se cala
Com o zunir da bala que o alvo atingiu
Foram os malditos de armas em riste
Na cena mais triste que o olho já viu

Como não bastasse
indignidade,
Cruzou a cidade "rastada" no chão
É a negra face, vexada, pra vala
Deixando a senzala voltou pro porão

Em dias de guerra é assim
Desde o fim da escravidão

Ceifando outra vida, rasgando outro peito
Mudando outra sorte, é sempre suspeito
Se corre é bandido, se fica é finado
Correndo ou caído, já nasceu julgado

Em dias de guerra é assim
Desde o fim da escravidão

SANTA EFIGÊNIA E SEUS PECADOS
(Thiago B Mendonça e Selito SD)

Nascida com nome de santa e tantos pecados
Vem carregando desde sempre uma pesada cruz
Lugar da boemia, do samba e o pranto musicado
O choro que é d'alma e que acalma diante da Luz

Faz parte da sina o Triunfo, o cinema de outrora
Com suas ingênuas meninas cheias de ilusões
Ouvindo, ao darem-se à tela ou num quarto d'Aurora
O velho Adonirã cantando a Rua dos Gusmões

Disseram e dizem que ela não é mais a mesma
Mas, penso que em sua essência mudou nada não
Querem não o passado, a história da Santa Ifigênia

Disseram e dizem que ela não é mais a mesma
Mas, penso que querem, de vez, é a desocupação
Pôr fora a gente, as irmandades da Santa Ifigênia

SOBRE OS GOLS DO TIME DO RUI COSTA
(Willian Lopes e Selito SD)

Que fita cabulosa no Cabula.
Barbárie, violência, escrotidão
Versão, a da TV, ninguém engula.
Tem nada de verdade nessa bula.
E é covardia a interpretação.

De sangue, a sede; de matar, a gula.
Espalha dor, pavor e sofrimento.
Aterroriza e a todos encabula.
Tombaram o neto, arrimo, de Vó Sula.
Mas nada cairá no esquecimento.

O capitão do mato ostenta a farda.
Potente viatura é sua mula.
E todo preto sabe o que lhe aguarda.
Depois do: "mãos pro alto e não se bula"...
Negreiro camburão, sem salvaguarda.

O capitão do mato, a besta mula.
Ostenta agora viatura e farda.
E grita: "mãos pro alto e não se bula"...
E tudo quanto é roda então se amarga...
De luto a Capoeira, o Samba e a Xula.